CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
SIAMO DONNE – DIVAS DO CINEMA ITALIANO
8 e 13 de Novembro de 2021

LA VIACCIA / 1961
(A Herança)

Um filme de Mauro Bolognini

Realização: Mauro Bolognini / Argumento: Vasco Pratolini, Pasquale Festa Campanile e Massimo Franciosa, baseado num romance de Mario Pratesi / Direcção de Fotografia: Leonida Barboni / Direcção Artística: Piero Tosi e Flavio Mogherini / Música: Piero Piccioni / Som: Mario Faraoni / Montagem: Nino Baragli / Interpretação: Jean-Paul Belmondo (Amerigo), Claudia Cardinale (Bianca), Pietro Germi (Stefano), Romolo Valli (Dante), Gabriella Pallotta (Carmelinda), Gina Sammarco (maitresse), Marcella Valeri (Beppa), Emma Baron (Giovanna), Claudio Biava (Arlecchino), Franco Balducci (Tognaccio), etc.

Produção: Titanus – Galatea Film – Arco Film - SGC / Produtor: Alfredo Bini / Cópia: 35mm, preto e branco, falada em italiano com legendagem electrónica em português / Duração: 102 minutos / Estreia em Portugal:

***

Quando filmou **La Viaccia**, um dos seus títulos mais célebres, Mauro Bolognini vinha já de uma década de intensa actividade como realizador, com mais de uma dezena de filmes assinados desde a estreia em 1953 com **Ci Troviamo in Galleria**. O encontro com Pier Paolo Pasolini, no final da década, dera um impulso decisivo à sua notoriedade: como argumentista ou co-argumentista, Pasolini figura no genérico de três filmes de Bolognini, e três dos seus filmes mais importantes, **La Notte Brava**, **Il Bel'Antonio** (por muitos considerado o "capo lavoro" de Bolognini) e **La Giornata Balorda**, todos rodados consecutivamente entre 1959 e 1960. Depois desta sequência, **La Viaccia** foi justamente o primeiro filme de Bolognini sem a colaboração de Pasolini, embora o cineasta tenha continuado a rodear-se de escritores consagrados para a concepção dos argumentos (Vasco Pratolini, neste caso), de resto, como também era sua preferência, argumentos baseados em fontes literárias (Mario Pratesi, neste caso).

Ambientado no final do século XIX, uns anos depois da unificação italiana, **La Viaccia** é um filme marcado pela oposição entre a vida rural e a vida nas cidades. Sem idealismo nenhum, bem pelo contrário, nem "escolha" entre um lado e outro, e há um sentimento de devastação que percorre tudo, bem sinalizado, aliás, pela epígrafe que Bolognini foi colher a Shakespeare e que fala de "uma história alegre" começada num cemitério. O retrato da familia rural e da sua quinta é pesadíssimo, como o é a história da divisão da herança, e a forma como ela é negociada, ou o modo como todos se posicionam, fria e calculisticamente, para dela serem julgados merecedores.

É esse calculismo que lança a intriga central do filme. Amerigo, o jovem camponês interpretado por Jean-Paul Belmondo, é enviado pelo pai para Florença, trabalhar na loja de vinhos do familiar que tem na mão o controlo da herança, com o fito de o impressionar. Só que, naquela Florença desolada e fria que Bolognini filma sem calor nenhum, e sem nenhum espírito de bilhete postal turístico, Amerigo vai apaixonar-se por uma prostituta, Bianca (Clauda Cardinale), e esta rapidamente se tornará o centro da sua vida.

As cenas entre os dois, com a entrega muito naive da personagem de Belmondo e a enorme

ambiguidade da de Cardinale, personagem muito menos "legível" do que a dele e que ao longo do filme pode parecer uma coisa e o seu contrário (tanto sincera quanto manipuladora), são melhor de **La Viaccia**. Encenadas com um sentido coreográfico, para que muito contribuem os adereços de época, do guarda-roupa ao mobiliário, são cenas onde Bolognini parece ter a intenção de usar a reconstituição de época como uma forma de criar uma distância, ou de isolar aquele par num mundo congelado, um museu bafiento onde não entra luz (sendo certo que só a personagem de Belmondo é realmente "móvel", o que aqui significa que, ao contrário de Cardinale que tem um lugar definido, está condenado a deambular se poder fixar em lugar nenhum). A época entra também por alguns aspectos narrativos, como as companhias que Belmondo a certa altura frequenta – o grupo de anarquistas, que vem temperar o filme com a agitação social e política que começou a percorrer a Europa no final do século XIX, uma agitação onde, justamente, as questões de "classe" eram cruciais. De algum modo – o desfecho, carregado de simbolismo, com o "sangramento" de Amerigo – aponta para uma rima subtil com o momento histórico: o velho mundo, ou a "velha ordem", estão em degenerescência, e em breve estarão em decomposição.

Luís Miguel Oliveira